

A experiência da travessia e as impressões sobre o Brasil, narradas nos escritos dos imigrantes operários de Schio: Nicola Viero, Francesco Crestana e Domenico Marchioro

Antonio Folquito Verona

Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Introdução

O tema desta comunicação pretende trazer ao debate hodierno sobre o fenômeno emigração/imigração alguns de seus mais intrigantes aspectos: o encontro que esse deslocamento humano estabeleceu entre dois mundos, de economias, formações sociais e culturais distintas. Por circunstâncias que a própria história desenhou, tanto no século XIX quanto nos dias atuais, pessoas de origens e matizes particulares erradicam-se de seus torrões originários, transportam-se para áreas distantes, muitas vezes ultrapassando oceanos e continentes, para aí reconstruírem suas vidas. Essa difícil travessia acarreta a seus personagens, por um lado, rupturas de todas as naturezas e, por outro, à chegada na terra de acolhida, a reconstruções de todo tipo, incluindo as de caráter simbólico. No passado, a orientação do percurso seguia a direção Norte-Sul, excetuando, por razões óbvias, a emigração forçada de trabalhadores africanos, principalmente para as regiões americanas. Países europeus e asiáticos, então, recém-constituídos ou em constituição nos respectivos continentes expulsavam seus excedentes populacionais, constituídos basicamente por trabalhadores braçais, para as áreas de expansão, daí a vinda para o Brasil de algo como 1,8 milhão de Italianos, entre 1875 e o final da década de 1920. Outras quantidades expressivas também deram, no mesmo período, densidade às migrações de populações portuguesas, espanholas, alemãs, japonesas e chinesas. Atualmente, contudo, o percurso tomou o rumo inverso. Populações dos países localizados ao Sul do Trópico de Câncer, na América, na África ou na Ásia, buscam nos congêneres industrializados do Norte as mesmas oportunidades de melhoria de vida e trabalho que um dia os imigrantes do Norte aí procuraram. Há um verdadeiro assalto às muralhas das fortalezas setentrionais. Pensa-se na fronteira alambrada e diuturnamente patrulhada do Rio Grande, separando fisicamente os territórios da América Latina com o dos Estados Unidos. Países. Ou, ainda, como estão agindo os países europeus que um dia foram terra de emigração e, hoje, barram, através de policiamento ostensivo e de legislação restritiva, a chegada ou a permanência de imigrantes originários de países que um dia abriram as próprias portas a seus compatriotas.

O fenômeno da reversão do destino no fluxo migratório, atualmente em direção ao Norte, é significativo para alguns muitos países pobres, onde a implantação das políticas neoliberais ampliou consideravelmente o excedente de força de trabalho e rebaixaram o ganho médio dos trabalhadores. O caso do Brasil é paradigmático, tornando-se de terra de imigração para de emigração, no giro de menos de um século. Há fontes que indicam a existência de quase um milhão de Brasileiros nos EUA, a maioria em situação de clandestinidade. Mas o fluxo também seguiu para latitudes opostas. A terceira comunidade estrangeira no Japão é constituída por, aproximadamente 250 mil Nipo-brasileiros, os dekasseguis, que há anos aí vivem e trabalham. Apesar da autorização de permanência concedida a esses imigrantes, a reação xenófoba dos autóctones é constantemente denunciada.

A Itália, por sua vez, conta, na atualidade, com aproximadamente 1,2 milhão de imigrantes legais, cerca de 2% da população. Destes, alguns milhares formam a colônia verde-amarela. Muitos para lá emigraram nos anos 1970, durante a ditadura militar. Primeiro, os perseguidos políticos e depois os trabalhadores das áreas de serviços, como as empregadas domésticas, mas também para as atividades de lazer e diversão, como os jogadores de futebol. Nas décadas seguintes, emigrariam também os descendentes dos primeiros imigrantes que conseguiram receber do Estado Italiano a cidadania dos antepassados.

É conhecido o tratamento por vezes dispensado aos imigrantes brasileiros, principalmente às mulheres, ao chegarem aos postos de fronteira e aos aeroportos italianos. Fatos assim, deploráveis, atentam ao necessário respeito e à harmonia nas relações entre os dois povos. Em várias oportunidades, temos, particularmente, nos

manifestado a respeito, inclusive na última conferência em Schio, em julho de 2000, quando da apresentação do texto de nossa tese à comunidade local, logo após ter presenciado o destrato provocado por um guarda italiano a duas turistas brasileiras na fronteira entre a Suíça e a Itália.

Como se pode observar, ao escrevermos sobre o fenômeno da emigração/imigração pretendemos ir muito além do simples resgate dos acontecimentos pretéritos. Não descartamos que seja necessário compreendê-los a partir dos problemas que, então, suscitaram, contudo, por se tratar de um movimento de natureza demográfica em permanente reedição, continua a trazer à baila questões muito similares, *mutatis mutandis*, às que produziu no passado. Nasce daí a constante atualidade do tema abordado. Por isso, frisamos que ao reconstruir os elementos que, um dia, contribuíam para a realização de encontros, em todas as dimensões da vida cotidiana, pudessem ocorrer entre Italianos e Brasileiros, estaremos, paralelamente, levantando os argumentos que busquem entender as peculiaridades e enigmas colocados pelos novos encontros.

O tema a ser abordado

Em conseqüência de uma série de confrontos de natureza trabalhista, entre 1891 e o início do séc. XX, um importante fluxo migratório composto, principalmente, de operários têxteis deixou a região de Schio, província de Vicenza (Itália), e desembarcou nos portos do Centro-Sul do Brasil. Foram quase 300 famílias que buscaram no País, melhores oportunidades de vida e trabalho. Ao chegarem, eles dividiram-se em grupos que se fixaram no Estado de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro; e, em contingentes bem menores, no de Minas Gerais e Espírito Santo. A difícil experiência da travessia em trens e vapores pouco confortáveis, os sobressaltos provocados pelas primeiras impressões da nova terra, as formas de inserção na realidade local e, sobretudo, o encontro com seus habitantes foram retratados em três documentos, de natureza epistolar ou autobiográfica, deixados pelos imigrantes: Nicola Viero, Francesco Crestana e Domenico Marchioro. Para estes e para tantos outros que vieram a realizar e a relatar a mesma experiência, a troca de mundo e, por conseguinte, o encontro com outras pessoas e formas de vida societária, gerou uma questão imediata, e sob nenhuma hipótese puderam descartá-la: a descoberta da alteridade do “outro” e de sua cultura, ainda que, em alguns casos, buscassem desqualificá-la. É à luz dessa complexa relação, fruto do confronto cultural, que vamos orientar nossa abordagem.

Os documentos e seus autores

O primeiro registro trata-se de uma carta de três páginas escrita por Nicola Viero, datada aos 10 de junho de 1891, um dos primeiros dias depois de sua chegada à cidade de São Paulo. Escrita em quatro etapas distintas ao longo do trajeto Schio-Vicenza-Milão-Gênova-São Paulo, era endereçada a seu amigo Pietro Munari, militante socialista que havia permanecido em Schio. A epístola tem a preocupação de registrar com certo grau de detalhamento algumas passagens, principalmente quando o autor fala de sua ida ao zoológico de Gênova, chegada ao porto de Santos ou da visita que fez àquela cidade. Viero, então, com apenas 22 anos, havia nascido em Breganze e, pouco antes de imigrar, vivera por algum tempo em Schio, onde se cadastrou no Serviço Demográfico local como sapateiro. Em fevereiro de 1891, certamente, participou dos movimentos paredistas aí ocorridos, ou esteve muito próximo dos operários insurretos. Por conseqüência, envolveu-se nas mesmas vicissitudes e partiu num dos comboios de maio de 1891. Desembarcou em Santos e, no mesmo dia, deu entrada na Hospedaria dos Imigrantes do Brás. Relata que, após um dia de quarentena, começou a trabalhar numa sapataria na Rua Visconde de Parnaíba, próxima ao lugar de hospedagem. Provavelmente, permaneceu aí por algum tempo. Morreria aos 12 de fevereiro de 1899, em Porto Ferreira, município do interior paulista, na franja cafeeira, de *causa mortis* ignorada.

O segundo documento, trata-se da carta de Francesco Crestana a seu filho Alberto. O texto, escrito em São Carlos (SP), com data de 29 de março de 1945 é o registro do adeus do pai que vê seu filho partir para frente de batalha e, por isso, não sabe se tornará a vê-lo. Seu registro emocionante chama a atenção pelo fato de revelar-lhe uma informação, guardada por mais de 50 anos e que havia dado origem ao fluxo migratório ao qual havia participado. Francesco quis transmiti-la ao filho para que a tivesse como referência quando encontrasse a terra de origem.

Francesco pertencia a uma grande família camponesa originária de Monte di Malo. Os pais mudar-se-iam para Schio, onde, em 1880, nasceria o primeiro filho, autor da carta em análise. Ao chegarem a Manchester d'Itália, o pai e os irmãos mais velhos logo se tornaram operários têxteis. Em 1891, quando o primogênito havia apenas 11

anos, a família decidiu emigrar para o Brasil. Inicialmente, os Crestanas estabelecem-se em Porto Ferreira e, tempos depois, em São Carlos. Francesco aí veio a falecer aos três de junho de 1946, com a idade de 66 anos.

O terceiro trata-se de um extenso texto autobiográfico, escrito, provavelmente, em meados da década de 1950, após a libertação da Itália do jugo fascista. Foi escrito por Domenico Marchioro, nascido aos 10 de outubro de 1888, em Torrebelticino, nas cercanias de Schio. Em 1896, veio ao Brasil juntamente com sua família. Aproveitou dos intermináveis dias da viagem marítima, em que ficou exposto ao sol no oscilante convés para conhecer e manter contato com os operários demitidos do Lanificio Rossi de Schio, após os intensos embates do chamado triênio vermelho (1891-1893). Marchioro e sua família foram morar, inicialmente, em Juiz de Fora, Minas Gerais, num subúrbio chamado Mariano Procópio e, alguns anos depois, mudaram para Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro. Como força de trabalho, reproduziram no Brasil o que já faziam na Itália: trabalhar na indústria têxtil. Em julho de 1901, entretanto, voltaram à antiga pátria, fixando-se em Schio, para lá continuarem a vida proletária de sempre. Alguns anos mais tarde, já moço, Domenico engajar-se-ia na luta sindical e política, tornando-se militante de primeira linha do Partido Socialista, foi fundador do Partido Comunista Italiano tendo militado também como *partigiano* durante a ocupação alemã, no final da Segunda Guerra. Com a redemocratização, chegou a representar o PCI na Assembléia Constituinte de 1946. Morreu em 1965, aos 77 anos em Roma.

Como se pode relevar, os documentos analisados são de naturezas diversas, ora expressando, situações momentaneamente vividas, portanto, descritas sob forte impacto emocional, ora narrando fatos, selecionados a partir de impressões retidas na própria memória, e pinçados, muito tempo depois da ocorrência, à luz de um enfoque crítico, ou até mesmo, de natureza ideológica.

Ao escolhermos os vários temas recorrentes entre os mencionados autores/atores, quisemos também estabelecer alguns *approaches* entre seus registros e aqueles contidos nos relatórios de viajantes italianos que percorreram o território brasileiro, em especial o paulista, ainda durante o período inicial da chamada Grande Imigração, entre 1895 e a virada do século XX. Essas visitas, muitas vezes de cunho jornalístico, tinham não somente o escopo de melhor conhecer o país de acolhida, mas também de descrever as condições de inserção dos imigrantes patrícios e, em alguns casos, visavam, inclusive, o levantamento de possibilidades e perspectivas para o incremento do comércio bilateral entre Itália e Brasil.

A memória da ruptura e o amargor à antiga pátria

Marchioro, menos que Viero, nota de modo enfático a existência, entre os que partiam da Itália, de um sentimento de ruptura com as condições lá vividas até então. Em suas palavras, os migrantes: «[...] deixavam a pátria com justificável amargor, senão com verdadeiro rancor, depois de terem buscado inutilmente uma ocupação qualquer.» Mais adiante afirma, ainda, que, durante o traslado atlântico aprende «[...] a conhecer, de suas vivas vozes, as miseráveis condições de vida dos trabalhadores de então: os salários de fome, a jornada de trabalho que durava da madrugada ao pôr-do-sol, a alimentação feita de polenta, com a difusão da *pelagra* e até mesmo da *inédia*» (MARCHIORO D. Sd: 1).

Corroborando com esse argumento, o jornalista Arrigo De Zettiry escrevia, em 1893, que as recordações saudosas mantidas pelo imigrante tinham muito a ver com sua aldeia de origem, mas, em absoluto, com seu próprio país (DE ZETTIRY A. 1893: 76). De fato, Francesco Crestana ao pedir ao próprio filho que procurasse seus parentes do ramo materno que, até vinte e cinco anos antes, habitavam Pievebelvicino, então distrito de Schio, descreve-a em tom afetoso, dizendo tratar-se de uma: «[...] cidadezinha onde havia (uma) indústria de tecelagem fundada pelo Dr. Alessandro Rossi» (CRESTANA F. 29.03.1945).

Nas palavras do viajante De Zettiry, o “colono” não fazia qualquer distinção conceitual entre Itália e governo italiano, mostrando-lhes tanta aversão: «[...] não somente com palavras [...], mas também com os sentimentos que manifesta, demonstrando atribuir à pátria as desgraças que o afligiram e da necessidade que o obrigou a emigrar. As palavras “Governo Italiano” fazem-lhe horror como se fosse um flagelo[...].» (DE ZETTIRY A. 1893: 75-76).

Gian Paolo Malan, então presidente da Liga Nacional de Proteção aos Emigrantes, em duas obras publicadas respectivamente em 1885 e 1896, faz menção semelhante ao enaltecer as vantagens da migração para o Brasil(1). José de Souza Martins, descrevendo a repulsa à antiga pátria e a seus dirigentes, sentimento reinante entre os imigrantes italianos, sobretudo os provenientes da zona rural do Norte, ressalta que suas causas foram

engendradas ainda na Europa e decorreram da separação abrupta entre esses trabalhadores e seus próprios meios de produção, quer na condição de camponeses ou, ainda, na de *braccianti*(2).

As condições e ocorrências da viagem: o tema do convés

Quando o assunto refere-se aos acontecimentos passados durante a viagem marítima, as descrições tomam um caráter contraditório. Nicola Viero inicia seu relato, ainda na Itália, expressando o próprio encantamento ao descobrir paisagens e lugares novos. Jamais havia visitado Milão ou Gênova. A arquitetura e os monumentos dessas cidades o fascinaram, mesmo tendo que dormir ao relento por uma noite dentro da estação ferroviária da capital lombarda, à espera do trem da manhã seguinte. Admirou, entusiasmado, muitos dos animais exóticos do zoológico da capital lígure, ainda que, depois, fosse dormir em companhia de outros quatro e, provavelmente, num único quarto de pensão nas cercanias do cais genovês (VIERO N. 10.06.1891: 1). Marchioro, talvez por falha na memória, não se detém para escrever sobre a viagem no território italiano, antes do embarque. Quando se tratou de abordar os temas concernentes à vida que se desenrolava a bordo, aí encontramos uma certa unanimidade nas observações, ressaltando-se o convés como espaço de contraponto ou mesmo como escapatória às péssimas condições do traslado. Como é de conhecimento comum, os vapores utilizados pelas companhias marítimas para transportar os imigrantes eram, na verdade, adaptações muito malfeitas de velhas embarcações comerciais. As acomodações, exceto as destinadas à tripulação, praticamente inexistiam, sem contar que neles coabitavam pessoas e toda sorte de micro-organismos e até mesmo de roedores vindos dos porões, hospedes diurnos dos dormitórios inferiores. A propósito, assim descreve Marchioro: «A velha carcaça sobre a qual embarcamos era um barco mercantil equipado para o transporte de pessoas e se chamava “Arno”. As formalidades para o embarque acabaram tarde da noite, quando já estava na hora de ir debaixo do convés para dormir. Entrando no dormitório, tive a sensação de desmaiar devido ao calor sufocante e ao fedor característico da terceira classe daquela espécie de embarcação» (MARCHIORO D. sd: 3).

Viero, por sua vez, deixou-nos relato similar, quando afirma que: «[...] no primeiro dia que subi fiquei assim tão confuso que não lhe posso descrever, mas agora começo a acostumar-me. Mas [...] eu lhe digo que estou melhor na força que nesta gaiola de animais destinados à venda em outras terras» (VIERO N. 10.06.1891: 1). No convés, portanto, as centenas de pessoas que se apinhavam, lotando as naves, realizavam os gestos coletivos que preenchiam o tempo da travessia. Marchioro lembra ter ouvido intermináveis conversas entre adultos, companheiros da mesma sorte(3).

Primeiros contatos e impressões: encantos e sobressaltos

Um sentimento ambíguo permeou também as primeiras experiências de encontro entre os operários de Schio e o novo mundo, englobando tanto o espaço físico que o constituía quanto às pessoas que nele habitavam. No que tange a dimensão geográfica da nova terra, podemos dizer que houve convergência de avaliação. Onde quer que aportassem, os imigrantes externaram sentimentos de admiração pelo relevo, pela flora exuberante, variada e habitada por uma fauna, ao mesmo tempo temida e atraente. Viero afirma, ao desembarcar em São Vicente (Santos): «[...] Se visse Pietro que bonita vista [...] vi, ainda, a cidade e seu porto, as belas montanhas que o circundavam. Digo que fiquei, verdadeiramente, maravilhado» (VIERO N. 10.06.1891: 1-2). Viero, entretanto, não estava sendo inédito! Marcone, já em 1877 havia definido a Baía de Guanabara como sendo *bella oltremondo* (MARCONE N. 1877: 97). E podemos afirmar que todos os viajantes italianos ao verem-na manifestaram impressões semelhantes.

O humor muda, substancialmente, quando o olhar dos imigrantes tenta enxergar os habitantes da terra, sua composição étnica heterogênea, seus costumes peculiares e, *pari passu*, entender as contradições apresentadas pela nova sociedade, marcada por profundas desigualdades sociais que, ao mesmo tempo, extinguiu legalmente a escravidão e enveredava pela expansão da produção industrial! Os assombros, contudo, tanto para Viero como para Marchioro, começaram pelas condições materiais de vida dos habitantes da terra que atingiam principalmente as crianças. Viero choca-se ao vê-las, no momento em que o vapor no qual viajava atracou nas proximidades do porto brasileiro, atirando-se ao mar para buscar moedas jogadas por tripulantes e passageiros.

Mas a precariedade de condições alcançava todas as idades. Tanto que Viero descontentar-se-ia também mais tarde, já fixado no Planalto, ao notar o grau de exploração da força de trabalho operaria na cidade de São Paulo, quando assim assevera: «[...] quem tem um ofício nas mãos pode partir de seu país, mas como gente de fabrica é

melhor, ganhando uma lira ao dia, que permaneça por lá mesmo no lugar de vir a São Paulo. Aqui [...] são constrangidos a trabalhar como braçais, porque não são capazes de encontrar coisa melhor» (VIERO N. 10.06.1891: 3). Na mesma perspectiva, Marchioro registrava com ares dramáticos a existência de surtos epidêmicos entre os imigrantes. Assinalava, como principal causa das doenças, as precárias condições de higiene das hospedarias pelas quais transitavam, antes de atingirem seu derradeiro destino. Referindo-se ao período em que sua família já se havia instalado, sempre em áreas interioranas, passa a enumerar o repertório de riscos que estaria correndo – produto do imaginário dos imigrantes – por morar, como literalmente afirma, nas proximidades de: «[...] florestas infestadas por toda a sorte de feras e nas quais [...] talvez com alguns exageros, existissem ainda algumas tribos de canibais» (MARCHIORO D. sd: 4).

Entretanto, Marchioro torna-se ainda mais contundente quando fala das condições reinantes nas fabricas têxteis mineiras e fluminenses cuja força de trabalho, majoritariamente constituída por mulheres e crianças, «[...] estava submetida a um horário de doze horas diárias, salário mensal miserável [...] e o chicote que tombava freqüentemente sobre o tenro corpo das crianças, tão logo se distraiam sonolentos» (MARCHIORO D. sd: 4).

Porém, os temas mais candentes e que, certamente, propiciaram maior impacto nos contatos iniciais dos imigrantes e que foram objeto de observação também dos viajantes, disseram respeito ao comportamento de natureza afetiva e sexual dos habitantes da terra. Nossa análise não parte da premissa que existissem elementos no substrato cultural das populações proletárias da Itália, nas décadas finais do séc. XIX, favorecendo a avaliação depreciativa, para não dizer racista, dos habitantes do novo mundo. Contudo há que se notar a presença dessa concepção nos vários discursos proferidos pelas elites dominantes atinentes à imigração e que acompanharam paralelamente a implementação da tardia política expansionista daquela recente nação. Nota-se a proeminência de uma concepção imperialista e pretensamente civilizadora em relação às terras e aos povos das áreas de recepção. Encontramo-la hegemônica, sobretudo, nos meios intelectuais e políticos italianos, quando pensava o Brasil como uma zona priva de “raças fortes”, mas que, em contrapartida, dispunha de uma abundância de terras a serem, ainda, ocupadas. Um eminente político italiano, em meados da década de 1890, chega a dizer textualmente que o Brasil era imenso e: «[...] em grande parte, povoado por raças de fato inferiores [...] Qualquer um que conheça sua etnografia [...] onde tantas nações são degeneradas e onde a escravidão vingou-se corrompendo os livres, não tem dificuldade a entender como o elemento forte e ativo seja representado apenas pelos Italianos»(4). O conceito de: “comportamento sexual e moralmente correto”, quer de matriz católica ou socialista, trazido pelos operários é confrontado com uma nova e extensa prática da sexualidade humana, aparentemente inexistente na Itália por eles conhecida. Viero escandaliza-se ao constatar que existissem prostíbulos como os vistos em São Vicente e, a respeito, se expressa ao amigo: «[...] Precisa ver para crer. Aquelas mulheres do citado lugar estavam nuas como a natureza as fez. Pode imaginar-se, Pietro, a risada que dei ao observar aqueles estranhos e também ridículos costumes» (VIERO Nicola 10.06.1891: 2).

Marchioro, por sua vez, deixou-nos um relato do drama que experimentou ao ingressar na fabrica de Mariano Procópio e presenciar a prática difusa, particularmente, mas não exclusivamente entre os pequenos trabalhadores fabris, do que ele chamou de «[...] onanismo e da pederastia» (MARCHIORO D. *op. cit.*, p. 8). Nota-se, pela insistência e extensão de relatos dessa natureza que, malgrado a distância temporal havida entre aquelas ocorrências e o momento em que se deu seu registro, aqueles acontecimentos marcaram indelevelmente e, talvez até, tenham contribuído para transformar em profundidade a concepção de moral sexual inculcada em Marchioro.

Ao defrontar-se com os candentes temas que envolviam o “inusitado” comportamento, principalmente, por parte dos habitantes pobres da terra, Marchioro faz questão de mencionar a prevalência aí de personagens da raça negra. Se no conjunto dos hábitos e procedimentos praticados pela população local, havia uma certa difusão equânime quanto à contribuição de cada etnia no conjunto, no que concernia a sensualidade e as práticas sexuais houve uma certa predileção. E aqui cabe ressaltar que, efetivamente, os imigrantes italianos elegeram os negros brasileiros como aquele “outro”, o diferente por excelência, como aventamos no início. Foi ele e, conseqüentemente, sua conduta sensual e sexualmente expansiva o elemento que produziu maior perturbação dos pressupostos morais que os imigrantes traziam consigo da Europa.

Marchioro, contudo, não se encontrava sozinho nessa abordagem. O jornalista De Zettiry, ao peregrinar pelas fazendas paulistas investigando o cotidiano da vida dos imigrantes, detectou a predileção dos ricos proprietários pelos trabalhadores italianos em detrimento dos ex-escravos, tidos como indolentes. A esse propósito, assim se

manifesta: «[...] cheguei a ouvir por diversas vezes que cederiam três negros por um italiano e abençoam a hora e o momento que houve a providencial substituição do trabalho cativo pelo inteligente, assíduo e livre do colono italiano» (DE ZETTIRY A. 1893: 63). Ato contínuo, porém, fazia uma constatação que o havia intrigado profundamente, dedicando-lhe vários parágrafos de seu extenso relatório: a atração que exerciam esses mesmos negros sobre as moças imigrantes. Neste particular, destacavam-se as donzelas vênetas que os preferiam aos compatriotas napolitanos e calabreses. A esse respeito, De Zettiry assim escreve: «[...] Mais de uma vez, me referiram a singular expressão proferida por uma moça vêneta, à qual foi oferecido um esposo Napolitano ou Calabrês, mais ou menos nestes termos: - Antes de casar-me com um Napolitano, me esposo com um negro. - A resposta me pareceu, de cara, um enorme insulto; mas se consolem os Napolitanos e Calabreses, porque não é de fato assim, visto que os noivinhos negros não desagradam a muitas de nossas Desdemone da gleba e são preferidos ainda a Italianos de outras regiões» (DE ZETTIRY A. 1893: 81).

A incidência de casos amorosos aproximando negros, recém-libertos, e moças italianas, recém-chegadas, assombrou de tal forma o jornalista peninsular que o levou a emitir um juízo absolutamente parcial e racista quando diz com todas as letras que tal procedimento constituía-se numa “singular perversão de gosto”(5). Os casos, porém, não eram raros no Estado de São Paulo e o autor chega a enumerar alguns deles, como este: «[...] Uma moça, a quem fora impedido de casar-se com um negro, tomou-o como amante» (DE ZETTIRY A. 1893: 81). No interior das unidades agrícolas desenhou-se, portanto, como reflexo dessa confrontação de desejos culturalmente não assimiláveis, uma guerra surda que produziu muitas vezes verdadeiras tragédias, colocando em campos opostos: colonos e ex-escravos pela posse das nubentes, quase sempre loiras e de olhos azuis, protótipo da beleza do além-mar. Ainda, segundo De Zettiry, o baile do sábado à noite tornou-se o lugar privilegiado para esses embates no qual as moçoilas eram asperamente disputadas pelos jovens das duas etnias rivais! A preferência feminina pelos negros enfurecia a tal ponto os imigrantes que, por sua vez, passaram a exigir de seus respectivos patrões a explícita proibição da presença daqueles nesses eventos semanais. Um dos casos clamorosos contado pelo autor dá-nos uma idéia exata das dimensões desse conflito: «No Município de Campinas, houve uma verdadeira revolução ocorrida numa fazenda entre Italianos e negros, tendo como primeiro motivo: a vontade dos Italianos em proibir aos negros de dançarem com (su)as mulheres, enquanto aqueles não viam impedimento algum para dançarem com as mulheres destes» (DE ZETTIRY A. 1893: 82).

As tentativas frustradas de impedir o encontro entre os dois grupos nacionais, todavia, parece não ter prosperado. Um testemunho dessa intensa atração, no caso, vivida pelo próprio Domenico Marchioro, então ainda muito jovem, e uma mocinha negra, pode-nos apontar um indicativo de como as pessoas, independentemente de suas diferenças e das convenções que sofriam de seu grupo social, resolviam seus problemas cotidianos. É ele mesmo quem nos relata essa interessante experiência: «[...] havia aprendido a dançar cedo a chula, o maxixe e outras danças exóticas e com isso me entusiasmava. Estreitei amizade com uma simpática mulatinha da minha idade que era a (empregada) doméstica da proprietária da nossa minguada habitação. No Brasil torna-se homem precocemente e a levei diversas vezes fora para dançar. De fato, nos queríamos bem, ela se chamava Teresinha. Lembro-me sempre dela, sobretudo quando o patrão acendia o forno que havia em casa e assava o pão tão cheiroso que nos dava água na boca e Teresinha nunca deixava de passar-me algumas fatias, as quais devorava num relâmpago, e eu a recompensava com amorosos beijos. Esta felicidade durou somente alguns meses [...], contudo, como diz saudosamente a canção, o primeiro amor não se esquece jamais!» (MARCHIORO D. sd: 9).

Notas

(1) MALAN Gian Paolo, 1885, *Un viaggio al Brasile*, Genova, Sambolino, p. 19; et MALAN Gian Paolo, 1896, *Notizie sullo stato di Bahia ad uso di chi há deciso di emigrare*, Torino, Locatelli. Apud ADAMO Sergia, *Viaggiatori italiani alla “scoperta” e alla “riscoperta” del Brasile*, <http://www.unb.br/il/let/abpi2000/sergia.htm>, pp. 13-14.

(2) Textualmente, assim diz o autor: «[...] o processo básico de “acumulação primitiva”, que leva à separação do trabalhador de seus meios de produção, resultando na sua transformação em homem livre sem outro recurso que não seja a venda da sua força de trabalho no mercado, “ocorreu fora da sociedade brasileira”» (MARTINS J.S. 1996: 118-119).

(3) Afirma o autor que dentre eles havia «[...] um bem jovem que tinha consigo uma cópia do jornal *El Visentin*, periódico socialista, [...] um número especial a cores, inteiramente ou quase dedicado à celebração da fatídica data do 1o. de Maio» (MARCHIORO D. 1893: 3).

(4) Tratava-se de um político italiano influente naquela época, chamado Francesco Saverio Nitti. Cf. TRENTO A. 1987: 108.

(5) O jornalista afirma literalmente que: «Essa singular perversão de gosto (que me perdoem os negros pela expressão, a quem não quero mal contanto que fiquem no seu lugar), é um fenômeno não muito raro no Estado de S. Paulo» (DE ZETTIRY A. 1893: 81).

Bibliografia

ADAMO Sergia, *Viaggiatori italiani alla “scoperta” e alla “riscoperta” del Brasile*, 22 pp.

CRESTANA Francesco, 29.03.1945, *Carta ao filho Alberto*, Acervo Familiar, São Carlos.

DE ZETTIRY Arrigo, 1893, *I coloni italiani dello Stato di San Paolo*, “La Rassegna Nazionale”, vol. LXX, anno XV, 1893, março-abril, pp. 59-96

MALAN Gian Paolo, 1885, *Un viaggio al Brasile*, Genova, Sambolino, p. 19. *Apud* ADAMO Sergia, *op. cit.*, p. 13.

MALAN Gian Paolo, 1896, *Notizie sullo stato di Babia ad uso di chi há deciso di emigrare*, Locatelli, Torino.

MARCHIORO Domenico, sd, *Autobiografia giovanile di un vecchio militante delle lotte operaie: storia vissuta, patita e descritta da un proletario rivoluzionario coraggioso, dalla fine dell'Ottocento ai primi del Novecento nell'Alto Vicentino*, sc, mimeo.

MARCONE Nicola, 1877, *Gli italiani al Brasile*, Roma, Tip. Romana, p. 97. *Apud* ADAMO Sergia, *op. cit.*, p. 21.

MARTINS José de Souza, 1996, *O cativo da terra*, Hucitec, São Paulo.

TRENTO Angelo, 1897, *Argentina e Brasile come paesi d'emigrazione nella pubblicistica italiana (1860-1920)*, São Paulo, “Novos Cadernos”, Istituto Italiano di Cultura & Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, n. 1, 1987, pp. 107-142.

VERONA Antonio Folquito, 1993, *I xe come la zavorra [...] A trajetória dos operários que deixaram Schio rumo a São Paulo, em 1891*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis.

VERONA Antonio Folquito, 1999, *O mundo é nossa pátria: a trajetória dos imigrantes operários têxteis de Schio que fizeram de São Paulo e do Bairro do Brás sua temporária morada, de 1891 a 1895*, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.

VIERO Nicola, 10.06.1891, *Lettera a Pietro Munari*, Biblioteca Civica di Schio (FPM).